

Gabaritos

das aulas 2 a 20

Aula 2 - A grande viagem

1. Aumento do comércio com o Oriente; uso crescente da moeda nas transações comerciais; surgimento de importantes centros de comércio no Mediterrâneo e no mar do Norte; crescimento da riqueza e do poder da burguesia.
2. Norte da África: a conquista de Ceuta e a luta contra os mouros.
Litoral africano: os interesses comerciais – ouro, marfim, escravos e açúcar.
Índias: o controle da rota das especiarias.
América Portuguesa: a colonização.
3. Caravela; mapas e cartas náuticas; bússola; pólvora; imprensa.
4. Em torno do rei se organizaram os diversos setores sociais – a nobreza, a burguesia, a Igreja, a burocracia –, no intuito de mobilizar recursos humanos e financeiros para levar adiante o caro processo da expansão marítima. À Coroa cabiam especificamente as tarefas de arrecadar os impostos e preparar a força militar, componentes indispensáveis para a realização das grandes navegações.

Aula 3 - A chegada à América

1. Os portugueses pretendiam chegar ao Oriente contornando a África; Colombo, acreditando que a Terra era redonda, achava que alcançaria as Índias navegando em direção ao Ocidente. Os portugueses estavam na África desde o início do século XV; os espanhóis se atrasaram na corrida da expansão marítima, porque só em 1469, com o casamento dos príncipes Fernão e Isabel, tiveram uma Coroa forte para comandar a expansão. Portugueses e espanhóis tinham, no entanto, os mesmos objetivos: descobrir novas rotas de comércio, explorar terras ricas em ouro, expandir a fé cristã e viver aventuras.
2. A relação com o corpo e a maneira de se vestir; a língua falada; a relação com o dinheiro e a posse de objetos.

3. Poderão ser citados exemplos de diferenças entre países (Brasil e Estados Unidos); entre regiões (Oriente e Ocidente); dentro do mesmo país (sul e nordeste).
4. Não é verdade. Os incas, maias e astecas construíram impérios desenvolvidos na América, com agricultura próspera, alto grau de conhecimento em matemática e engenharia, além de uma produção artística de grande valor e beleza.

Aula 4 - Visões do paraíso

1. A carta de Caminha mostra todo o encantamento que a terra desconhecida despertou nos portugueses. O clima agradável, a grande extensão de terras, a abundância de água e de vegetação, a beleza dos habitantes, tudo indicava que os viajantes haviam chegado ao paraíso.
2. Nas Índias, o objetivo dos portugueses era controlar o rico comércio lá existente, precisando, para isso, dominar os chefes locais. Na América, os portugueses não encontraram inicialmente nada que precisassem conquistar, pois a gente da terra não possuía produtos que pudessem interessar ao comércio europeu.
3. D. Manuel não ficou animado com as notícias da terra, porque nela não parecia existir nenhuma riqueza mineral. A terra também não oferecia nenhum produto atraente para o mercado europeu.
4. O direito de explorar a madeira foi aberto a comerciantes portugueses, que tinham de pagar o quinto (20%) de imposto ao Tesouro Real. Por meio do sistema de escambo, os nativos derrubavam as árvores, arrumavam-nas em toras e as embarcavam nos navios, recebendo, em troca, machados, facas, colares e tecidos. A madeira era guardada em pequenos fortes, chamados de feitorias, onde também se abrigavam os tripulantes dos navios que vinham buscar o pau-brasil.
5. Apesar de não terem constituído grandes impérios, os habitantes da “terra do brasil” tiveram presença marcante tanto nos momentos iniciais de exploração da América Portuguesa quanto no processo posterior de colonização. Ao contrário do que se afirma, o indígena foi uma mão-de-obra fundamental no aproveitamento econômico da colônia.
6. A crise da exploração do pau-brasil; a ameaça estrangeira na região; as notícias da existência de riquezas minerais no sul da América; o declínio do comércio com as Índias.

Aula 5 - O início da colonização portuguesa

1. A estratégia da Coroa portuguesa foi impulsionar a ocupação da sua colônia americana. Para isso, tratou de estimular a criação de um importante pólo produtivo baseado na produção do açúcar.

2. O desenvolvimento da empresa açucareira modificou a face de uma importante região na colônia. Os lucros do açúcar foram fundamentais para assegurar a posse das terras brasileiras para a Coroa portuguesa. A economia açucareira também foi importante na geração de outras atividades econômicas na colônia.

Aula 6 - Trabalho e escravidão na América Portuguesa

1. Em geral, eram grandes unidades produtivas. Nelas, houve o predomínio do trabalho escravo africano. Trabalhadores livres participavam de algumas fases da produção. Havia divisão de trabalho, e a matéria-prima era transformada no interior do engenho. A produção era voltada para o mercado externo.
2. O trabalho escravo foi uma das bases da colonização portuguesa. Apesar da resistência dos próprios índios e dos jesuítas, a escravidão indígena permaneceu em diversas regiões coloniais por larga margem de tempo. O trabalho escravo do africano esteve presente nas principais atividades econômicas (rurais e urbanas) durante a maior parte da época colonial.

Aula 7 - A colonização espanhola e inglesa na América

1. Formação de colônias voltadas para a metrópole europeia; controle rígido da produção colonial; controle da circulação de idéias; fortes exigências fiscais e controle político-administrativo.
2. Em linhas gerais, poderiam ser citados os seguintes traços básicos: economia agrária de base familiar; forte importância da religião nos hábitos e costumes; presença dos “servos por contrato”; desenvolvimento de atividades comerciais e urbanas.

Aula 8 - Estado e Igreja na aventura colonizadora

1. A extensão do território colonial obrigou o Estado português a delegar poderes às ordens religiosas e às Câmaras Municipais.
2. Por meio da língua geral, os jesuítas promoveram a catequese e divulgaram os valores da cultura europeia e cristã, o que contribuiu para a desagregação das antigas culturas indígenas.

Aula 9 - O território se amplia

1. Até o século XVII, os portugueses não haviam conseguido conquistar o interior da colônia. O interesse na exploração da agroindústria açucareira no litoral nordestino, associado aos perigos do sertão (os ataques dos índios e as dificuldades de sobreviver numa terra selvagem), fizeram com que os colonizadores se fixassem na costa.

2. O Tratado de Tordesilhas foi um acordo assinado em 1494, entre os reis de Portugal e Espanha, tratando da divisão das “novas” terras da África, da Ásia e da América. Em 1580, o rei espanhol Filipe II ocupou o trono português, ocorrendo a chamada União Ibérica. A partir de então, todas as terras americanas ficaram sob o domínio de uma só Coroa, o que facilitou a penetração de portugueses em regiões que pertenciam ao domínio espanhol.
3. Inimiga da Holanda, a Coroa espanhola proibiu a participação dos holandeses no lucrativo negócio do açúcar. Inconformados com essa proibição, os holandeses resolveram ocupar a principal área produtora de cana, o litoral nordestino. Primeiramente, ocuparam Salvador, capital da colônia, onde ficaram por um ano (1624-1625). Em 1630, dominaram a capitania de Pernambuco, de onde partiram para ocupar o litoral de Alagoas ao Rio Grande do Norte. Permaneceram no Nordeste até 1654, quando foram expulsos.
4. Isolados do litoral pela serra do Mar, e tendo facilidade de penetrar no interior por causa dos rios que partiam da vila de São Paulo, os paulistas buscaram no sertão o “remédio” para a sua pobreza: a caça ao índio e a busca do ouro. Organizando as chamadas bandeiras, os paulistas ocuparam regiões que, pelo tratado de Tordesilhas, deveriam pertencer aos espanhóis.
- 5.

REGIÕES	ATIVIDADE ECONÔMICA	MÃO-DE-OBRA
Litoral nordestino	Agroindústria açucareira	Escravo negro
Sertão nordestino	Pecuária	Trabalho livre (brancos, negros e índios)
Amazônia	Drogas do sertão	Índios
São Vicente/São Paulo	Caça ao índio; busca de ouro	Trabalho livre (brancos, índios mestiços)
Minas	Busca de riquezas minerais	Escravo negro
Sul	Tropas de mulas, pecuária; agricultura de subsistência	Branco e mestiços
Maranhão	Algodão	Negro, índio

Aula 10 - Colônia e metrópole, uma relação em crise

1. As primeiras descobertas de ouro atraíram milhares de pessoas para a região mineradora descoberta na América Portuguesa. Eram pessoas de diferentes profissões e classes, que vieram da metrópole e de diversos pontos da colônia em busca de riqueza fácil. Ao contrário da lavoura canavieira, que exigia alto investimento, a mineração oferecia oportunidades de enriquecimento rápido mesmo àqueles com poucos recursos.
2. Relações econômicas com as outras regiões da colônia, e não apenas com Portugal; crescimento urbano, com o surgimento de vilas e povoados; possibilidade de ascensão social até mesmo para os escravos, que podiam conquistar a sua liberdade; surgimento de uma sociedade mais diferenciada, com pessoas de diferentes profissões, origens e classes.
3. Criação da Intendência das Minas, encarregada de administrar as áreas mineradoras; criação de casas de fundição, no Rio de Janeiro e em Vila Rica, para transformar o ouro em barras e controlar a arrecadação do quinto (20%) devido à Coroa; cobrança de taxas sobre os escravos e pedágios nas estradas; cobrança de uma cota fixa de 100 arrobas por ano por área mineradora.
4. Em sérias dificuldades econômicas desde a queda do preço do açúcar no mercado internacional, Portugal cobria, com o ouro saído das Minas Gerais, suas dívidas comerciais com a Inglaterra, de quem comprava manufaturados, principalmente tecidos de lã e algodão.
5. O Pacto Colonial, que estabelecia a relação de dependência e submissão da colônia em relação à metrópole, estava em crise. À medida que a sociedade colonial se desenvolvia e se diversificava, e que o controle da metrópole se intensificava, organizaram-se em algumas regiões (Vila Rica, Salvador, Rio de Janeiro) movimentos com o objetivo de acabar com o domínio português.

Aula 11 - A colônia se vestiu de metrópole

1. A importante medida deu maior dinamismo à economia colonial, pois favoreceu a entrada legal de mercadorias estrangeiras, principalmente inglesas, na colônia. Permitiu ainda maior liberdade econômica aos produtores coloniais, uma vez que extinguiu o monopólio comercial português.
2. A presença da Corte na cidade modificou a face da antiga capital colonial. O Rio de Janeiro agora era a “nova Lisboa”, a sede do governo imperial e da Corte. As ordens para todo o império emanavam do Rio de Janeiro. Esse fato era visto com desconfiança, especialmente pelas elites de outras regiões da colônia, que se sentiam marginalizadas pelo poder real.

Aula 12 - A América independente

1. A República pernambucana estabeleceu a defesa de princípios liberais como tolerância religiosa, liberdade de consciência e igualdade de direitos.

2. Principal articulador da independência, o paulista José Bonifácio de Andrada e Silva acreditava que a instituição de uma ordem republicana no Brasil resultaria em anarquia e fragmentação política, a exemplo do que já estava acontecendo em alguns países da América Hispânica. O estabelecimento de um novo governo, baseado na tradição monárquica, poderia preservar a unidade e a ordem política.

Aula 13 - Mantendo a unidade

1. Unificar as diversas regiões, impedindo a desintegração do território do grande país; garantir a ordem social em um país onde a maioria da população era formada por negros, índios e mestiços; construir uma nação civilizada nos trópicos.
2. As guerras de independência, principalmente na Bahia (1823), provocadas pela recusa do comandante das tropas portuguesas em aceitar a independência proclamada por d. Pedro a 7 de setembro; a Confederação do Equador (1824), ocorrida em várias províncias nordestinas que desejavam separar a região do resto do Império; e a Guerra da Cisplatina (1825-1828), quando a Província Cisplatina se separou do Brasil e formou a República do Uruguai.
3.
 - a) Crise econômica; crise política, com a falta de autoridade que emanava da figura do imperador; desejo de mais autonomia para as províncias; defesa de idéias republicanas; rivalidades políticas locais; insatisfação da população com a alta generalizada de preços dos produtos de maior necessidade.
 - b) O fortalecimento do poder central. Para tanto, foi antecipada a maioridade de d. Pedro II, que, com apenas 14 anos, subiu ao trono como o segundo imperador brasileiro. Estava assim, de volta, a autoridade imperial.

Aula 14 - Impondo a ordem

1.
 - a) A atribuição do Poder Moderador ao imperador. Este, além de ter o Poder Executivo, era o responsável pelo equilíbrio entre os outros poderes, o Legislativo e o Judiciário. Esse artigo conferia um caráter centralizador e autoritário à organização política brasileira.
 - b) As limitações à participação de grande parte da população no processo eleitoral. Só podia votar e ser votado quem possuísse uma determinada renda. A cidadania política foi muito restrita durante o Império.
2. Os jurujubas, liberais exaltados, defendiam a república e uma organização mais democrática da sociedade brasileira; os chimangos propunham uma monarquia liberal; os caramurus queriam a volta do ex-imperador ao trono brasileiro e a imposição do absolutismo imperial.

3. **a)** Centralização do poder nas mãos do imperador, que, por meio do Poder Moderador, estava acima dos outros poderes; **b)** manutenção da unidade territorial, com redução da autonomia das províncias e centralização do poder no Rio de Janeiro, onde estava a Corte; **c)** repressão violenta às rebeliões sociais, com o emprego do Exército, e, principalmente, da Guarda Nacional.

Aula 15 - Construindo a civilização

1. Para Varnhagen, índios e negros eram “bárbaros”. Por isso, não podiam fazer parte da história de um país que desejava ser considerado “civilizado”. Varnhagen considerava que o português, branco, trouxera a civilização cristã para o Brasil.
2. Com os Estados Unidos da América do Norte, as relações políticas foram difíceis: o modelo norte-americano, republicano e federativo, não era bem visto pela elite política brasileira, que preferia a monarquia e a centralização unitária.
Com os vizinhos do sul – Argentina, Paraguai e Uruguai –, o Império brasileiro manteve um relacionamento de força, com a ocorrência de vários conflitos na região, em especial a guerra contra o Paraguai.
As diferenças entre o Império brasileiro e as repúblicas do Prata eram muito grandes. Enquanto o Brasil havia conseguido manter a integridade do seu território, transformando-se em uma monarquia centralizada e estável, a região do Prata se dividira em várias repúblicas, freqüentemente governadas por caudilhos que se impunham pela força das armas.

Aula 16 - O Império era o café

1. Clima favorável e terras disponíveis; capitais advindos da transferência de recursos de outras culturas e de atividades comerciais; abundante mão-de-obra escrava africana; presença de capitais norte-americanos e europeus na exportação do produto; melhoria no sistema de transportes, com a introdução da estrada de ferro.
2. Francisco Werneck, barão de Pati de Alferes, criticava a escravidão africana. Denominava-a “gérmen roedor do Império do Brasil”. Mesmo assim, não via com bons olhos a substituição do trabalho escravo pelo livre nas grandes fazendas de café. Acreditava que o homem livre logo se desobrigaria do trabalho na fazenda para trabalhar por conta própria.

Aula 17 - Desafios e mudanças no Império do Brasil

1. A medida, adotada em 1845, permitia à Marinha inglesa apresar navios negreiros que rumassem para o Brasil. Foi um importante momento da estratégia inglesa de acabar rapidamente com o tráfico de escravos africanos para o Brasil.

2. O avanço do tráfico interno (do nordeste para o sudeste); a Lei de Terras, que teve por objetivo facilitar a maior utilização do trabalho livre nas grandes fazendas; o estímulo à imigração; a adoção, pelo governo, de uma estratégia de extinção gradual da escravidão africana.

Aula 18 - Modernização e imigração

1. Grande disponibilidade de terras para o avanço da economia cafeeira na região; investimentos em tecnologia devido ao problema da “falta de braços”; avanço na utilização de mão-de-obra livre e imigrante; melhoria no serviço de transportes, com a criação de importantes ferrovias.
2. Uma delas foi a ocupação de áreas pouco povoadas, ou estratégicas, por colônias estrangeiras. Essa política colonizadora ganhou maior impulso no extremo sul do país (nos atuais Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul). A outra vertente foi o estímulo à vinda de imigrantes para as regiões cafeeiras. O objetivo era resolver o problema crônico da “falta de braços”, agravado pelo declínio da escravidão africana.

Aula 19 - Anos de ruptura

1. Nos Estados Unidos, o trabalho escravo só existia nos Estados do sul, onde era usado nas grandes plantações de fumo e algodão; no norte, não havia escravidão. No Brasil, a escravidão estava em toda parte: o uso do trabalho escravo era generalizado. No Brasil, a escravidão terminou em 1888, com uma lei encaminhada pela princesa Isabel. Nos Estados Unidos, a escravidão só terminou após uma terrível guerra entre o norte e o sul.
2. A partir da Guerra do Paraguai, os militares passaram a exigir participação mais ativa na política, o que não era bem visto pela elite política imperial. Além disso, foi grande a divulgação, nos meios militares, das idéias positivistas, que pregavam a necessidade de uma república militar e autoritária para levar adiante a ordem e o progresso no país.
3. Região mais próspera do país, São Paulo queria autonomia para administrar seus negócios, sem tanta interferência da Corte. Nas repúblicas federativas, os Estados têm autonomia para cobrar impostos, organizar forças armadas, importar imigrantes. Era tudo o que São Paulo queria.

Aula 20 - Anos de incerteza: a implantação da ordem republicana

1. A Constituição de 1891 consagrou o princípio do federalismo, que garantiu amplos poderes aos Estados. O poder central, a União, necessitava agora, mais do que nunca, negociar com os governadores dos Estados para poder governar o país.
2. Havia enorme fragmentação política. Não existia o mínimo de consenso. As lideranças militares encontravam-se divididas. Houve, inclusive, uma rebelião da Marinha contra o governo do marechal Floriano Peixoto.

Grupos políticos gaúchos também pegaram em armas contra o governo de Floriano. Outro elemento desestabilizador foi a ação de grupos radicais (os “jacobinos”) que lutaram contra um possível retorno da monarquia. Tudo isso animava muitos grupos políticos a tentar tomar o poder pelas armas.



Ilustrações

Página

- 19 Partida de Estácio de Sá de Bertioga
para o Rio da Janeiro (detalhe) - BENEDITO CALIXTO
- 26 Urna funerária indígena - JEAN-BAPTISTE DEBRET
Américo Vespúcio em contato com índios - Autor desconhecido
- 31 Tipos indígenas - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 32 Primeira missa - VÍTOR MEIRELES
- 39 Os cambistas - QUINTIN MATSYS
- 41 Casa do Conselho - J.WASTH RODRIGUES
- 44 Barcaça sem vela - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 45 Moagem de cana no engenho (detalhe) - BENEDITO CALIXTO
- 48 Tipos africanos - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 60 Missão - J.WASTH RODRIGUES
- 68 Batalha de Guararapes (detalhe) - Autor desconhecido
- 69 Soldados índios de Moji das Cruzes - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 72 Acampamento com mulas - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 75 (lateral) Trabalhos em cestaria - JEAN-BAPTISTE DEBRET
(pé da página) Trabalhos em madeira - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 78 Extração de diamantes - CARLOS JULIÃO
- 80 Tiradentes ante o carrasco (detalhe) - RAFAEL FALCO
- 84 Aclamação de d. João VI - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 87 Baía de Guanabara - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 88 Mucamas na rua - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 89 D. João chegando à igreja do Rosário - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 90 O regente d. João - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 91 Vista do Rio de Janeiro - JEAN-BAPTISTE DEBRET
Auto-retrato - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 93 Recife, Pátio do Terço - AUTOR DESCONHECIDO
- 97 O príncipe d. Pedro - JEAN-BAPTISTE DEBRET

Página

- 98 José Bonifácio de Andrada e Silva (detalhe) - OSCAR PEREIRA DA SILVA
- 99 Aclamação de d. Pedro I - JJEAN-BAPTISTE DEBRET
- 103 Vista do largo do palácio do Rio de Janeiro - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 104 Abdicação do primeiro imperador do Brasil, d. Pedro I - AURÉLIO DE FIGUEIREDO
- 106 Pedro II, ainda criança - AUTOR DESCONHECIDO
- 112 Pedro II, jovem - FRANÇOIS RENÉ MOREAUX
- 115 Coroação do imperador d. Pedro I - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 116 O grito do Ipiranga - VÍTOR MEIRELES
- 118 Caboclo - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 120 Vista da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, a partir da Ilha das Cobras - AUTOR DESCONHECIDO
- 127 Cafezal - PERCY LAU
- 128 Socando café no pilão - J. LAURENS
- 131 Colar de ferro - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 139 A fábrica de gás do Rio de Janeiro - AUTOR DESCONHECIDO
- 140 Estrada de Ferro Pedro II - SISSON
- 143 Tipos africanos - JEAN-BAPTISTE DEBRET
O operário - QUIRINO CAMPOFIORITO
Imigrantes - ANTONIO ROCCO
- 146 Tração animal para moagem - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 147 Três cenas com escravos - JEAN-BAPTISTE DEBRET
- 149 Batalha naval do Riachuelo - BERNARDO DE MARTINO
- 155 Proclamação da república (detalhe) - HENRIQUE BERNARDELLI
- 156 Tiradentes ante o carrasco (detalhe) - RAFAEL FALCO
- 157 Marechal Floriano Peixoto - ALMEIDA JR.

Bibliografia

- Ana Luiza Martins, *O império do café*, São Paulo, Atual, 1990.
- Boris Fausto, *História do Brasil*, São Paulo, Edusp, 1995.
- Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia*, São Paulo, Brasiliense, 1948.
- Caio Prado Jr., *História econômica do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1968.
- Carl Boxer, *A idade de ouro do Brasil*, São Paulo, Nacional, 1963.
- Elza Nadai e Joana Neves, *História do Brasil*, São Paulo, Saraiva, 1993.
- Emília Viotti da Costa, "Introdução ao estudo da emancipação política no Brasil", em *Brasil em perspectiva*, São Paulo, Difel, 1968.
- Emília Viotti da Costa, *Da monarquia à república: momentos decisivos*, São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1979.
- Fernando A. Novais, *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial: 1777-1808*, São Paulo, Hucitec, 1979.
- Fernando de Azevedo, *A cultura brasileira*, São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- Francisco Alencar, Lúcia Carpi e Marcus Venício Ribeiro, *História da sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979.
- Francisco Carlos T. da Silva, "Conquista e colonização da América Portuguesa", em Maria Yeda Linhares (org.), *História geral do Brasil*, Rio de Janeiro, Campus, 1988.
- Hamilton Monteiro, *Brasil Império*, São Paulo, Ática, 1986.
- Ilmar Mattos e Luiz Affonso de Albuquerque, *Independência ou morte*, São Paulo, Atual, 1991.
- Ilmar Mattos e outros, *História: 1ª série do 1º grau*, Rio de Janeiro, Francisco Alves/Edutel, 1977.
- Ilmar Mattos, *Tempo saquarema*, São Paulo, INL-Hucitec, 1987.
- Ilmar Mattos e Márcia de A. Gonçalves, *O império da boa sociedade*, São Paulo, Atual, 1991.
- Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo, *Colombo e a América*, São Paulo, Atual, 1991.
- João Antônio Andreoni (Antonil), *Cultura e opulência no Brasil por suas drogas e minas*, São Paulo, Nacional, s/d.
- José Murilo de Carvalho, *A construção da ordem*, Rio de Janeiro, Campus, 1980.
- José Murilo de Carvalho, *A formação das almas: o imaginário da República*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- José Murilo de Carvalho, *Os bestializados*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- Laura Vergueiro, *Opulência e miséria das Minas Gerais*, São Paulo, Brasiliense, 1983.
- Luiz Koshiba e Denise M. F. Pereira, *História do Brasil*, São Paulo, Atual, 1993.
- M. L. Belloto e A. M. Correa, *A América Latina de colonização espanhola*, São Paulo, Hucitec, 1979.
- Oliveira Martins, *História de Portugal*, Lisboa, Guimarães Editores, 1972.
- Simón Bolívar, *Escritos políticos*, Campinas, Editora da Unicamp, 1982.
- W. Ceram, *Deuses, túmulos e sábios*, São Paulo, Melhoramentos, 1956.

Para suas anotações

Para suas anotações

Para suas anotações

Para suas anotações

Para suas anotações

Para suas anotações